***Maria de Nazaré e a disposição em servir***

O tema das nossas reflexões de hoje é "Maria de Nazaré e a disposição em servir".

Falar sobre Maria de Nazaré é uma tarefa mais difícil do que parece. A começar pelo papel que ela assumiu perante a humanidade.

A maternidade é uma das missões mais belas - e ao mesmo tempo mais desafiadoras - que Deus pode conferir a um Espírito.

Essa missão toma proporções quase inimagináveis quando se trata de ser mãe de ninguém mais, ninguém menos que o Espírito puro, perfeito, que Deus ofereceu à humanidade para servir como guia e modelo: Jesus Cristo.

Vamos abrir um parêntese aqui para um breve esclarecimento.

A palavra Cristo tem origem no grego Christós, que significa "ungido" ou "escolhido por Deus". Portanto, Cristo não é um nome ou sobrenome; é um termo que define alguém de altíssima condição espiritual.

Emmanuel na obra *A Caminho da Luz*, psicografado por Chico Xavier, no capítulo I - *A Gênese Planetária*, nos diz que existe uma Comunidade de Espíritos puros e escolhidos por Deus, ou seja, uma comunidade de Cristos que é encarregada de tomar todas as decisões sobre a vida nas coletividades planetárias do nosso sistema solar.

Jesus é um dos integrantes dessa comunidade e recebeu diretamente de Deus a missão de ser co-criador do planeta Terra. Isso quer dizer que desde que nosso planeta nasceu - há aproximadamente 4.5 bilhões de anos -, Jesus, o "nosso" Cristo já se encontrava na condição de Governador Espiritual da Terra.

Pois se o Cristo, com sua elevação espiritual que foge completamente à nossa capacidade de compreensão, tornou-se o filho amado que Maria aceitou receber, o filho que ela concebeu, acolheu, educou e acompanhou durante toda a vida até os momentos derradeiros no calvário, então o quê podemos dizer da grandeza espiritual de Maria?

No Novo Testamento encontramos 17 passagens - alguns estudiosos dizem que são 19 - nas quais Maria de Nazaré é mencionada e somente em outras 4 passagens evangélicas nós temos registradas as falas de Maria.

Isso poderia nos induzir a pensar que Maria foi uma figura de menor relevância no contexto evangélico. Nada está mais distante da realidade do que esse pensamento equivocado.

É importante observar que o objetivo principal dos Evangelhos é registrar os atos da vida de Jesus e os ensinamentos que Ele legou à humanidade. Ele é a figura central. As demais citações, incluindo os próprios apóstolos, surgem à medida que as pessoas cruzam os caminhos de Jesus. Portanto, é natural que Maria não seja mencionada com tanta frequência nos Evangelhos.

Mas a verdade é que essa presença aparentemente discreta revela a grandeza da missão de Maria, indo muito além das palavras e dos relatos.

De fato Maria fala pouco, mas quando o faz suas palavras são carregadas de significado. Ela não se perde em discursos, mas escolhe com cuidado o que dizer.

Vamos agora analisar algumas das passagens evangélicas que trazem a figura de Maria, refletindo na maneira como ela se dispôs a servir no bem e também em como podemos nos inspirar nesses exemplos para nosso próprio crescimento e evolução espiritual.

**Anúncio do nascimento de Jesus - Lucas 1:26-38 Concluída**

Nessa passagem, destacamos duas virtudes de Maria: humildade e obediência aos desígnios divinos.

O anjo dirige-se à Maria dizendo: "Alegra-te, agraciada, o Senhor está contigo."

É uma saudação gloriosa, mas Maria não se envaidece com ela. Pelo contrário: demonstrando humildade, ela se perturba, se questiona, se coloca em dúvida. Maria não se considera digna ou especial, mesmo quando o anjo a chama de "agraciada". Ela se considera pequena diante dos propósitos divinos.

A segunda virtude de Maria está justamente em aceitar os propósitos de Deus para ela, mesmo não se achando digna deles.

A partir do momento que Maria compreende a mensagem levada pelo anjo Gabriel, ela se coloca voluntariamente na condição de submissão e serviço. Não reivindica direitos, não pede explicações extensas, nem exibe qualquer traço de orgulho ou resistência.

Vejam, Maria não foi obrigada a aceitar. A proposta do anjo exigia sua resposta — e, fazendo uso de sua liberdade de escolha, ela consente mesmo diante de uma missão que envolvia risco, sofrimento e incerteza. Isso revela uma obediência madura, não passiva, mas ativa: ela escolhe colocar a vontade de Deus acima da sua própria vontade.

Interessante nós observarmos que a obediência que Maria demonstra nessa passagem, permanecerá ao longo de sua vida. Será assim no nascimento de Jesus em condições precárias, na fuga para o Egito, na vida simples em Nazaré, e de maneira muito especial no silêncio e na dor ao pé da cruz, como veremos mais adiante.

E como podemos trazer para nossas vidas esses exemplos dados por Maria? Em primeiro lugar, procurando ser humildes. A humildade é uma virtude que precisamos conquistar, desenvolver e praticar em todos os momentos de nossas vidas.

Existe um antigo ditado que diz mais ou menos assim: “É mais fácil calçar sandálias do que estender tapetes vermelhos por toda parte.” As sandálias representam a humildade — um calçado simples, que nos prepara para caminhar, aceitando os caminhos como são. Já os tapetes vermelhos simbolizam os nossos caprichos, o desejo de conforto, reconhecimento e facilidades.

A humildade é o oposto do orgulho e o orgulho, junto com o egoísmo são as maiores chagas da humanidade. Portanto, a humildade é condição fundamental para nossa evolução espiritual.

E quanto à obediência aos propósitos divinos? Será que temos sido obedientes? Aceitamos de boa vontade tudo aquilo que Deus coloca em nossas vidas ou nos revoltamos, nos rebelamos quando os desejos de Deus são diferentes do nosso?

Quando oramos o Pai Nosso nós dizemos: "seja feita a vossa vontade, assim na Terra como no Céu", mas na prática a gente quase coloca uma nota de rodapé nessa frase dizendo "desde que a vontade de Deus seja a minha vontade".

Nós invertemos o sentido dessa frase. Queremos que Deus faça a nossa vontade, do nosso modo, no nosso tempo. Claro que não é assim que acontece e então surge em nós a revolta, a tristeza, a descrença e a desobediência.

Precisamos refletir profundamente sobre isso. Deus só deseja o melhor para nós. Se nos mantivermos obedientes aos desígnios d'Ele, realizando de boa vontade o trabalho que nos cabe, aí sim estaremos construindo nossa estrada para a felicidade.

**Visita de Maria a Elisabet - Lucas 1:39-45**

**Concluída**

Nota: A diferença entre “Isabel” e “Elisabet” nas versões do Evangelho se deve a variações de tradução e transliteração do nome original ao longo dos séculos, conforme o texto bíblico foi passado do hebraico ao grego, depois ao latim e, por fim, aos idiomas modernos.

O nome da prima de Maria provavelmente era אֱלִישֶׁבַע (Elisheva), que significa algo como "Deus é meu juramento". No Novo Testamento grego, esse nome aparece como Ἐλισάβετ (Elisábet), que tenta manter o som do hebraico original, mas adaptado à fonética grega.

A forma “Isabel” surgiu da evolução fonética de “Elisabeth” nas línguas latinas. O som th no final desapareceu, e o início foi suavizado:

Elisabeth → Elisabel → Isabel

Na visita a Elisabet, Maria nos dá exemplos de humildade, prontidão generosa e presença consoladora. Ao saber da gravidez da prima já idosa, ela não hesita: parte apressadamente pelas montanhas da Judeia, mostrando que a verdadeira caridade é pronta, sensível e ativa.

Novamente Maria demonstra humildade: mesmo carregando no ventre o Cristo de Deus, ela não se coloca em posição de destaque e vai ao encontro de Elisabet. Permanece ali por cerca de três meses, servindo não apenas com gestos, mas também com sua presença amorosa, com o consolo de sua escuta e a partilha do cotidiano.

O Evangelho não diz exatamente onde Maria morava, nem onde ficava a casa de Zacarias e Elisabet — mas de acordo com estudos históricos, acredita-se que Maria morava em Nazaré, na região da Galileia (norte de Israel) e Zacarias e Elisabet moravam em uma região montanhosa da Judeia, no sul do país, perto de Jerusalém. Provavelmente é a atual Ain Karim.

Assim, tomando-se como referência essas informações, estima-se que de Nazaré a Ain Karim, a distância aproximada seria de 130 km a 150 km.

Essa distância por si só já seria um grande desafio àquela época, mas havia outros fatores que tornavam a viagem ainda mais difícil:

* A viagem seria feita a pé ou em caravanas, pelas estradas da época;
* O terreno era montanhoso em várias partes, resultando em uma jornada muito cansativa;
* Seriam necessários de 4 a 7 dias para completar o trajeto, dependendo do ritmo da caminhada e das paradas;
* Maria era ainda muito jovem, provavelmente tendo entre 14 e 16 anos;

Ou seja, foi uma viagem extremamente difícil — e o fato de ter sido feita "apressadamente", demonstra toda a coragem, o amor ao próximo e o espírito de serviço de Maria!

O esforço e sacrifício de Maria podem ser vistos como uma prefiguração de tudo que ela viveria depois como discípula de Jesus: sempre disponível, sempre servindo.

Mais uma vez Maria demonstra humildade: apesar de carregar no ventre o Cristo de Deus, não se coloca acima da prima; coloca-se na mesma condição de Elisabet e vai visitá-la.

Será que essa tem sido nossa postura? Conseguimos abdicar de nossas conquistas materiais e espirituais que, verdade seja dita, são ainda muito pequenas, para nos colocarmos a serviço dos outros ou o orgulho ainda fala mais alto dentro de nós?

Se eu ocupo um cargo de importância, tenho vários diplomas acadêmicos, falo 2 ou 3 idiomas, já viajei para diversos países em todo o mundo, isso não me torna melhor do que ninguém. Nada de errado com essas conquistas quando elas são o resultado do nosso esforço e trabalho. Mas julgar que elas nos fazem melhor que os outros é um engano terrível.

O mesmo vale para as conquistas morais e espirituais. Às vezes a gente vence uma dificuldade, abandona um vício, livra-se de um mal hábito e começa a achar que nos tornamos seres de luz.

Nós, Espíritas, somos particularmente vulneráveis a esse tipo de erro. Como a Doutrina Espírita lança uma luz enorme em nossas vidas, é comum nós nos considerarmos melhores que os outros só porque temos mais conhecimento.

Com relação à empatia e sensibilidade, Maria compreende a situação de Isabel e se coloca à disposição sem ter sido chamada. Ela demonstra a empatia ativa: não apenas se solidariza, mas se move para estar presente e apoiar.

Nos dias de hoje há muito sofrimento na sociedade, mas há também muita gente pronta para atacar, criticar e ofender.

Será que nós temos sido empáticos? Diante da dor do próximo, demonstramos boa vontade para acolher, compreender e consolar?

Kardec já nos disse: fora da caridade não há salvação. Colocarmo-nos no lugar do outro para compreender suas dificuldades, ainda que nós mesmos estejamos com problemas a despeito de nossas próprias dificuldades também é uma forma de caridade.

Procuremos sempre auxiliar e servir, ainda que nós mesmos estejamos passando por dificuldades. Muitas vezes, na compreensão e no auxílio ao próximo, encontramos forças para solucionar nossos próprios problemas.

**As bodas de Caná da Galileia - João 2:1-12**

**Concluída**

Nessa passagem destacamos a fé ou, se preferirem, a confiança que Maria deposita em Jesus.

Quando Maria interpela o filho dizendo que o vinho havia acabado Ele responde:

“*Mulher, o que queres de mim? Minha hora ainda não chegou*”.

Como tantas mães que conhecem bem os filhos, ela não se deixa abalar pela negativa inicial e diz aos servidores da casa:

“*Fazei o que ele vos disser*”.

As poucas palavras de Maria nessa passagem contêm uma síntese da essência da fé cristã: escutar e obedecer ao Cristo.

E vejam: Maria orienta os servidores a seguirem as instruções de Jesus antes mesmo de saber o que Ele faria. Ela tinha plena confiança no filho. Não sabia como mas tinha certeza de que Ele resolveria o problema.

E quanto a nós? Sabemos de fato ouvir, obedecer e confiar em Jesus? Se fizemos um exame de consciência verdadeiro veremos que ainda não. É algo que precisamos exercitar muito ainda.

Quantas vezes nos atormentamos desnecessariamente por agir de maneira contrária àquilo que nos recomenda o evangelho? E quando a dor bate à nossa porta, lamentamos por termos ignorado as instruções do Mestre.

Qual será nosso grau de confiança em Jesus hoje, depois de tudo o que temos aprendido com o Mestre, principalmente sob a luz da Doutrina Espírita?

Já somos os servidores fiéis que fazem o que o Mestre nos recomenda tendo a certeza de que o resultado será o melhor? Certamente que ainda não.

Vamos dar um exemplo simples: muitos de nós já colocamos na urna ou no livro de irradiação aqui da FEIG nomes de familiares ou amigos queridos que estavam enfermos.

Nós fazemos isso na incerteza do que acontecerá. Afinal de contas não sabemos de antemão se a pessoa será curada ou não. Mas a incerteza não é nosso problema. Nosso grande problema é que não confiamos plenamente no que Jesus fará a respeito da saúde daquele familiar ou amigo.

No fundo o meu desejo é que Jesus permita que a pessoa seja curada: se for assim então eu confio plenamente em Jesus. Mas e se a doença persistir, se agravar ou se a pessoa vier a desencarnar? Aí minha confiança fica abalada.

No nosso atual estágio evolutivo, obedecer e confiar em Jesus ainda é um aprendizado em construção. Um trabalho que exige esforço, vigilância e fé constantes. Um trabalho longo que, se ainda não se iniciou, precisa começar hoje.

**Maria aos pés da cruz - João 19:25-27**

Todo o texto desse tópico ainda está em forma de esboço e precisa ser refinado / desenvolvido.

O ápice da submissão de Maria às vontades de Deus é a crucificação de Jesus. Maria presencia todos os sofrimentos do filho sem se revoltar contra Deus. Honrando o compromisso assumido quando o anjo Gabriel anunciou que ela seria a mãe de Jesus, Maria, apesar da dor lancinante ao presenciar os sofrimentos de Jesus no calvário, permanece resignada, compreendendo como ninguém que aquela era a vontade de Deus.

Na crucificação de Jesus, apesar de toda sua dor de mãe, Maria segue com Jesus até o derradeiro momento em que a vida física expira. É um exemplo enorme de amor e dedicação, um exemplo que ficou como um valioso ensinamento à toda humanidade (desenvolver essa ideia).

No momento mais doloroso do ministério de Jesus, Maria permanece de pé, junto à cruz. Ela não tenta fugir, não protesta, não se revolta. Apenas permanece junto ao filho amado, injustamente crucificado.

Humberto de Campos, na obra Boa Nova, psicografia de Chico Xavier, no capítulo 30, cujo título é Maria, nos dá detalhes sobre o sofrimento e as reflexões de Maria ao pé da cruz. Durante todo o tempo em que Maria ali permaneceu, mergulhada em suas reflexões, suas únicas palavras foram

*Meu filho! Meu amado filho!*

O que fica evidente nessa passagem evangélica é a fidelidade silenciosa, porém firme, de Maria. Ao lado do Filho crucificado, ela revela uma coragem que nasce da fé e do amor profundo, mesmo em meio à dor.

Aqui Maria nos dá um belíssimo exemplo de como servir na dor. Ela permanece ao lado de Jesus até o último instante, suportando com coragem e resignação.

Ela não serviu apenas nos momentos de glória, mas principalmente no sacrifício.

**Maria retorna ao Plano Espiritual - Humberto de Campos / Chico Xavier - Boa Nova - Maria**

Num crepúsculo sereno e estrelado, Maria, como de costume, entregava-se às orações, quando recebeu a visita inesperada de um peregrino que, com palavras suaves e cheias de consolo, tocou-lhe a alma com ternura e compreensão. A presença daquele estranho lhe despertava emoções profundas e familiares, até que, ao reconhecer nele as chagas de seu filho crucificado, Maria, tomada por intensa comoção, compreendeu tratar-se de Jesus. Ele viera buscá-la, revelando que o Pai a desejava como Rainha dos Anjos em seu Reino. Envolta em júbilo e reverência, Maria despediu-se do mundo terreno com serenidade, partindo na alvorada entre cânticos celestiais e multidões de espíritos luminosos.

Antes de sua definitiva ascensão aos Céus, Maria roga a Jesus a graça de rever os lugares marcados pela presença do Evangelho. Do alto, contempla a Galileia em silêncio, emocionada, enxergando o lago de Genesaré como se fosse um grande alaúde moldado pela natureza — instrumento sagrado que embalara a Boa Nova entre os homens. Seu olhar repousa com carinho sobre as paisagens que testemunharam os passos e ensinamentos de seu filho. Movida por compaixão e sensibilidade, pede ainda para visitar os discípulos em Roma, que sofriam perseguições e encarceramento por seguirem o Cristo. Lá, caminha entre os corredores sombrios das prisões, consolando os que se mantinham firmes na fé e rogando a Deus que deixasse em seus corações não apenas coragem, mas também alegria, mesmo em meio à dor. Aproxima-se especialmente de uma jovem prisioneira e, ao sussurrar palavras de esperança, vê nascer um canto doce e sereno, que se espalha entre os cativos como um sopro de paz. A canção transforma o ambiente, enchendo os corações aflitos de luz, como se a presença de Maria ali tivesse suavizado o sofrimento com o bálsamo do amor. Desde então, mesmo nos tempos mais sombrios, os seguidores de Jesus lembram-se daquele instante e continuam a cantar, sustentados pela herança de ternura e fé deixada pela Mãe Santíssima.